

 Perfil

Renata Silva
ESTUDANTE DE
COMUNICAÇÃO NA ULP

Sonha ser
jornalista.
A sua estadia
em Bruxelas
pode ser
acompanhada
no blogue
jpn.licom.up.pt
/yrap

Futuros jornalistas no combate à pobreza

Renata Silva é a finalista portuguesa do Young Reporters Against Poverty

2010
Ano Europeu
do Combate
à Pobreza
e à Exclusão Social

FILIPA MORENO
sociedade@jpn.pt

"A importância de 20 euros e de carinho na vida de uma criança africana" é o título português finalista do Young Reporters Against Poverty. Renata Silva está em Bruxelas para a fase final do concurso que convidou estudantes de Comunicação a falar sobre pobreza.

Foi através de um estágio curricular que Renata Silva conheceu a ATACA - Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana. Apai-xonou-se pelo projecto e decidiu escrever sobre ele para o concurso do Centro Europeu de Jornalismo e da Comissão Europeia.

Young Reporters Against Poverty (YRAP) lançou o repto aos estudantes de diferentes áreas da Comunicação, para que escrevessem ou gravassem peças de rádio sobre formas de ajuda a países em desenvolvimento.

"Este concurso tem tudo a ver comigo", conta a aspirante a jornalista. "Uma das coisas de que mais gosto no Jornalismo é o facto de poder mudar a sociedade e alertar para a diferença." Aos 22 anos, Renata frequenta um mestrado em Ciências da Comunicação. Quando soube do concurso foi-lhe dito que não poderia participar, pois era reservado a estudantes de Jornalismo. "Fiquei felicíssima quando soube que era finalista, mas já foi uma grande vitória poder concorrer", conta sobre a experiência.

Está em Bruxelas até ao dia 8, com os outros 32 finalistas europeus. O concurso leva à Comissão Europeia os participantes, que farão a cobertura noticiosa dos European Development Days. "Estou com grandes expectativas de que possa aprender muitas coisas. Vou contactar com jornalistas experientes e jovens estudantes com as mesmas paixões que eu", diz a representante portuguesa. Depois, têm uma semana para redigir um novo trabalho para uma última avaliação. Os três vencedores recebem uma viagem à África, prémio com um rábio especial para Renata, por ter escrito sobre as condições de vida de crianças moçambicanas.

"Assamo, órfão, natural de Moçambique, 12 anos". É com esta história que Renata inicia a reportagem finalista. Assamo tem, na ATACA, uma tutora que, com 20 euros por mês, assegura as suas necessidades básicas de educação, saúde, vestuário e alimentação. Este gesto moveu a estudante da Universidade do Porto, que se envolveu no relato.

O seu artigo, diz, cumpriu os objectivos de divulgar a associação e de deixar no leitor a vontade de ajudar. "É um espelho da pobreza" que existe em Moçambique e, assim, reflecte a mensagem do ano pelo combate a estas questões. Numa realidade em que muitas crianças são portadoras de HIV e em que "há muita pobreza a nível da alimentação", o apoio da ATACA é essencial. "Sem esta ajuda as crianças não têm maneira de ser educadas e conseguem sobreviver", explica a autora.

Renata Silva considera que o concurso ajudou a sensibilizar futuros jornalistas. E acrescenta: "No combate à pobreza, a Comunicação Social é uma arma. Se não mostrarmos a realidade, é como se ela não existisse."



História de Assamo inspira trabalho finalista do YRAP

Assamo é um menino órfão moçambicano. Tem 12 anos. É um dos jovens apolados pela ATACA, Associação de Tutores e Amigos da Criança Africana, sediada no Porto. Há quatro anos que recebe a ajuda de uma tutora total, que paga todas as suas despesas. A educação, a saúde, o vestuário e a alimentação de Assamo custam à sua madrinha 20 euros por mês. Existem outras formas de ajudar: com 10 euros mensais os tutores financiam os gastos escolares. Os tutores amigos entregam cinco euros. Esta organização não governamental, que nasceu em 2006 da vontade de jovens estudantes, apóia hoje 275 crianças, muitas das quais são órfãos. Tem 250 tutores.

OPI

MOHAMED AHMED *

O microcrédito para a inclusão

O microcrédito consiste em pequenos créditos concedidos a pessoas sem garantias reais e, como tal, excluídas do sistema bancário tradicional e assenta numa relação de confiança na pessoa e no seu pequeno negócio, não se tratando nunca de um subsídio ou quase-subsídio mas de uma aposta na inserção pela via da iniciativa económica de pessoas social e economicamente excluídas. Um acompanhamento especializado por parte da organização promotora é fundamental.

Efeitos positivos inovadores como aumentar a confiança e a auto-estima dos promotores, a sua responsabilização (pagar o empréstimo a tempo e horas), o reforço da cultura de empreendedorismo e o "empowerment" das mulheres na área económica são tão importantes como o acesso ao crédito.

No entanto, urge a criação de um clima legal e regulamentar com vista a encorajar a criação e a sustentabilidade destes pequenos negócios, fundamentais para um vasto público carenciado.

Nesse sentido, a ANDC tem vindo a alertar para a necessidade da adopção de um quadro específico para os micro-empreendedores contemplando, por exemplo, um regime de transição gradual entre o corte do subsídio de desemprego (ou do RSI) e o início da actividade destes negócios, com vista a reeditar os receios (justificados) de muitos em abrir mão de um rendimento seguro (a prestação social) para uma actividade independente que comporta sempre um grau de risco. Isso permitiria não apenas o incremento do empreendedorismo, mas sobretudo contribuiria para a mudança de comportamentos face ao risco.

* Presidente da Associação Nacional de Direito ao Crédito